



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

ANÁLISE DOS CONTOS DE JOÃO ANTÔNIO “GUARDADOR” E “MARIA DE JESUS DE SOUZA”: UMA OBSERVAÇÃO A PARTIR DO ESPÍRITO LIVRE DE NIETZSCHE ¹

Cléia Garcia da Cruz Milan (Doutoranda UEL)²

Profª Drª Regina Célia dos Santos Alves (Orientadora UEL)³

Resumo: A proposta deste artigo é comparar dois contos de João Antônio “Guardador” e “Maria de Jesus de Souza”, tendo em vista a perspectiva de Nietzsche sobre o Espírito Livre. Observaremos a personagem Jacarandá de “Guardador” quer se mostrar um Espírito Livre, mas parece que tudo o que ela deseja de fato é ser alguém cativo, preso às convenções e regras sociais. Em “Maria de Jesus de Souza”, o mesmo não acontece, apesar da personagem “ir contra a maré”, desejar a vida daqueles que se deram bem, ela procura se resolver. É como se ela possuísse alguma “tecla de autoajuste” que não depende do meio, mas da força interior que dela emana. Nesta medida surpreende o leitor, aí sim é o que Nietzsche considera Espírito Livre, aquele que é capaz de surpreender outras pessoas pelas suas atitudes, de não cumprir o previsível, também sendo capaz de reerguer diante das dificuldades, comportando-se diferente daquele que se subordina. Em “Maria de Jesus de Souza”, quando imaginamos que Mimi Fumeta, seu nome vulgar, fosse derrotada pela ação dos policiais, ela segue até o banheiro, ajeita-se, lava seu próprio rosto, arruma o cabelo com grampos e volta para as ruas para conquistar seus clientes. A miséria é sua sobrevivência, mas precisa disto para continuar. Não há saídas para ela, porém não se deixa abater pela má sorte ou infortúnio, ninguém pode prever suas ações, ela é livre para dar continuidade à vida, como esta só dependesse dela própria.

Palavras-chaves: Espírito Livre ; Nietzsche ; João Antônio.

Abstract: The purpose of this article is to compare two shorts stories of João Antônio “Guardador” and “Maria de Jesus de Souza”, given the prospect of Nietzsche on Free Spirit. Observe the character of Jacarandá, Keeper, wants to show you a Free Spirit, but it seems that all she really needs is someone to be captive, stuck to the conventions and social rules. “Maria de Jesus de Souza”, the same does not happen, despite the character "going against the tide," desire life of those who have done well, it seeks to solve. It's as if she possessed any "key Autotune" that does not depend on the medium, but the inner

¹ Texto Aprovado em 30-04-2015

² Cléia Garcia da Cruz Milan é Mestra em Letras e Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Londrina PR, faz pesquisa sobre a urbanidade e autores contemporâneos.

³ Regina Célia dos Santos Alves é Doutora em Letras e professora do departamento de Letras da Universidade Estadual de Londrina PR, com projeto de pesquisa em urbanidade e autores contemporâneos.



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

strength it emanates. To this extent surprising the reader, then it is what Nietzsche considers the Free Spirit, who is able to surprise others by their actions, not to meet the predictable, also being able to rebuild the face of difficulties, behaving different from that subordinates. “Maria de Jesus de Souza”, when we imagine that Mimi Fumeta his common name, was defeated by the action of the police, she goes to the bathroom, straightens up, washing her own face, fixes her hair with clips and back to the streets to conquer their customers. Misery is survival, but it needs to continue. There are outlets for her, but not allowed to kill the bad luck or misfortune, no one can predict his actions, she is free to give continuity to life, as this only depended on her own.

Keywords: Free Spirit ; Nietzsche ; João Antônio.

1. Considerações iniciais:

Antes de começarmos a falar sobre as personagens, abordaremos algumas questões que permeiam o comportamento do Espírito Livre, que não está condicionado à moral vigente, ele é dotado de uma razão superior, a dos subordinados, tem uma verdade que é a dele e que sentimos que ele tem razão, porém, nem sempre é assim. É como se o Espírito Livre, fosse como o herói, dotado de *hybris*, a liberdade para ele está no modo como encara a realidade, que não é tão simples assim, é algo que vem do seu destino, do seu meio, e de acordo com o que surge diante de si ele escolherá seus caminhos. Esses caminhos escolhidos por aquele que possui o Espírito Livre, quase sempre não condiz com o que se espera, ele é o que Nietzsche chama de exceção, tendo um direcionamento que exalta o seu ego, ao mesmo tempo, que para as outras pessoas ficam perplexas com o que ele teve coragem de fazer.

Aqui será uma citação longa de Nietzsche, para que se possa compreender os contos que ora se análise de João Antônio a partir desta perspectiva filosófica: aforismo 225 – Espírito livre – conceito de relativo:

Chama-se ‘espírito livre’ aquele que pensa de forma diferente do que se espera dele, em virtude de sua origem, de seu meio, de sua posição e de seu ofício, ou em virtude dos pontos de vista dominantes de sua época. Ele é a exceção, os espíritos subordinados são as regras; estes o recriminam por seus princípios de liberdade terem por origem o desejo de surpreender ou por lhe permitirem chegar a ações livres, isto é, a atos que são incompatíveis com a moral dependente. De vez em quando, também se diz que estes ou aqueles princípios livres seriam derivados de uma sutileza e de uma exaltação do espírito; ora, o que fala assim é apenas a



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

maldade, que ela própria não acredita no que diz, mas quer com isso prejudicar: pois o espírito livre tem geralmente o testemunho de uma grande inteligência dotada de bondade e de perspicácia escrito no rosto de forma tão legível que os espíritos subordinados o compreendem bastante bem.

Mas as duas outras derivações do livre-pensamento são honestamente mencionadas; de fato, muitos espíritos livres até nascem de uma ou de outra maneira. E isso poderia ser uma razão para os princípios aos quais chegaram por essas vias fossem mais verdadeiros e mais dignos de confiança do que as dos espíritos dependentes. Tratando-se do conhecimento da verdade, o que importa é tê-lo, não saber por que motivo foi procurado, por que via foi encontrado. Se os espíritos livres têm razão, então não têm razão os espíritos subordinados, independentemente de os primeiros terem chegado à verdade por imoralidade, de os outros, por moralidade, terem ficado até agora agarrados à falsidade. De resto, não é da essência do espírito livre ter maneiras de ver mais acertadas, mas antes que ter-se desligado do que é tradicional, quer seja com êxito ou com insucesso. Em geral, contudo, ele terá de seu lado a verdade ou pelo menos o espírito da busca da verdade: ele procura razões, os outros, uma crença (NIETZSCHE, 2006, p. 165).

Em *Abraçado ao meu rancor* João Antônio, traz várias personagens que são representativas do urbano, são tipos da coletividade: “Guardador” de carro, prostituta, homem comum, mas miserável sem crédito bancário. Todos na ânsia de sobreviver como pode, num mundo caótico, lutando contra as adversidades da vida, no palco ficcional em que as classes se digladiam, do lado oposto a estas personagens estão os considerados otários. Os contos que mencionaremos neste artigo são: “Guardador” e “Maria de Jesus de Souza”.

2. João Antônio e sua temática:

Estudando um pouco mais sobre o autor se nota que ele se aprofundava em casos da classe mais desfavorecida da população através de suas crônicas e reportagens jornalísticas. Segundo Massaud (1985, p. 498) “João Antônio distingue-se desde logo pela temática e pela linguagem correspondente, numa perfeita simbiose. O submundo da malandragem, a boêmia paulista (e carioca), que conheceu de perto, é o cenário onde colhe personagens e motivos”, ou seja, essa vontade de falar da boêmia, dos seus modos de agir, da sua gíria e meios de subsistência é o tema que permeia a maioria dos contos do autor. Para Nunes o que motiva o autor é a humanidade: “a obra de João Antônio [. . .] sobressai pela sua poderosa humanidade, mas não se salienta só pelo conteúdo emotivo:



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

sua essência se substancializou, com harmonia ininterrupta, numa linguagem perfeitamente adequada” (NUNES, 1969, p. 143).

Esse olhar voltado para personagens marginalizadas, de certo modo, demonstra que o autor não se satisfazia com o governo que retirava os privilégios destes, assim como, há uma rebeldia contra o sistema quando essas personagens resolvem se impor, mesmo contra policiais, contra o sistema, contra àqueles que as oprimem, o espírito livre é uma forma encontrada para se manifestar a essa sociedade assim como é a sua sobrevivência.

Em o “Guardador” surge a imagem de Jacarandá, um homem que vive nas ruas guardando carros: “Pisando quase de lado, vai tropicando, um pedaço de flanela balanga no punho, seu boné descorado lembra restos de Carnaval. E assim sai do oco e baixa na praça” (ANTÔNIO, 1986, p. 21). A personagem passa por diversos constrangimentos, a maioria por já não conseguir acompanhar os carros, porque está velho e se embriaga, em uma dessas vezes é chamado “chefe” por um dos motoristas que não dá esmola, mas lhe dá atenção. A personagem pensa, mas esta reflexão não é dela e sim do narrador que num vocativo relata ao leitor:

Chefe, meus distintos, é o marido daquela senhora. Sim. Daquela santa mulher que vocês deixaram em casa. Isso aí – o marido da ilustríssima. Passeiam e mariolam de lá pra cá num bem-bom de vida. Chefe, chefe... Que é que vocês estão pensando? Mais amor e menos confiança (ANTÔNIO, 1986, p. 22).

O “Guardador” pode-se dizer que é representativo do Espírito livre e que o cliente é aquele cativo da sociedade, a pessoa presa aos preceitos da moralidade que trabalha para a sua subsistência. Por trás de tudo isso esta a condição burguesa, aquele que herda da família condições culturais e financeiras para se tornar uma “pessoa de bem” que vai através do seu esforço, manter a família estável, mulher e filhos. Na outra ponta está a pessoa considerada como indivíduo social, chamada muitas vezes de elemento, perde a sua persona, como Jacarandá, em que não é apresentado ao leitor como um homem com nome e sobrenome, ao contrário, recebe o nome de uma árvore e também dorme no oco de uma árvore, em uma figueira.

Ao pensar na imagem do “Guardador”, imagino-lhe com alguém que tem um ponto de vista sobre aquele indivíduo da classe média. É alguém que é externo, que está do lado de fora,



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

querendo de repente deixar a vida que leva em troca de uma vida que parece condenar, ou seja, deixar de ser um Espírito Livre.

O “Guardador” pode ser configurado, a princípio, pelo viés do Espírito livre de Nietzsche, é aquele que saiu em busca de algo que não lhe vai trazer segurança, que deseja mais do que nunca tropeçar pelos caminhos. Em contraposição a ele está o “cativo”, aquele que está preso às convenções, a moral, às regras sociais. O que “pesa” para o cativo é a segurança. O Espírito livre vive da insegurança, está é a sua meta, faz parte da sua liberdade e da dimensão de risco que escolheu para si, é aquele que quer viver tropeçando pelos caminhos, Nietzsche em *Humano demasiado humano* considera que: “sem perceber, as mulheres agem como aquele que tira as pedras do caminho do minerólogo em excursão, para que seu pé não se machuque - enquanto que ele só pôs seu pé a campo para nele se machucar” (NIETZSCHE, 2006, p. 238). Aqui retirando a informação que diz respeito à mulher, não podemos deixar de perceber que o Espírito Livre deseja se machucar, pretendendo isto para sua vida, não quer que ninguém lhe retire os obstáculos, saiu a campo exatamente para isso.

A personagem-narradora nos explica os três tipos de pessoas que dão esmola: 1) “só uma minoria – ninguém espere outro motivo – dá esmola por entender o miserê.”; 2) “Há maior parte, no meio, querendo se ver livre do pedinte”; 3) “O terceiro grupo, otários da classe média, escorrega trocados a esmoleiros...” (ANTÔNIO, 1986, p. 23). O que mais ofende o leitor é quanto ao otário, a maioria das pessoas leitoras são da classe média, são aquelas que acreditam que de alguma forma podem ajudar, são os idealistas: médicos, advogados, professores, repórteres e etc., que pensam que podem fazer o mundo se tornar diferente.

Observemos como se considera o otário pela perspectiva do “Guardador”:

Otários da classe média, escorrega trocados a esmoleiros já que, vestidos direitinho, encabulariam ao tomar o flagra em público – são uns duros, uns tesos. Para eles, não ter cai mal. Se é domingo, pior. Domingo é ruim para os bem-comportados. [. . .] Muquiras, muquiranas. Aos poucos, ondas do álcool rondando a cabeça, capiscou. Os motoristas caloteiros e fujões, bem-vestidinhos, viveriam atolados e amargando dívidas de consórcio, prestações, correções monetárias e juros, arrocho, a prensa de taxas e impostos difíceis de entender. Mas tinham de pagar e não lhes sobrava o algum com que soltar gorjeta ao “Guardador”. Isso. O automóvel sozinho comia-lhes a provisão. Jacarandá calculou. Motorista que faça umas quatro estacionadas por dia larga, picado e aí no barato, um tufo de dinheiro no fim do mês (ANTÔNIO, 1986, p. 23-24).



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

Jacarandá tem um ponto de vista sobre esse que considera o “otário” sabe calcular que não lhe sobra nada, que este “o cativo” que procura se estabelecer, procura se adequar ao social e para se manter nisto, enrola-se com as prestações bancárias, não entende o porquê das tarifas, mas as paga para manter-se entre aqueles que têm crédito, “as pessoas confiáveis e de bem”. A personagem Jacarandá tem a astúcia de esperar no fim da missa, que é quando espera os homens de bem, aqueles que estando vestidos de acordo com a burguesia e “direitinhamente” vai deixar alguns trocados, porque acaba de sair do centro de salvação, se pensarmos em Nietzsche no livro *Além do bem e do mal*, quanto à astúcia do espírito medíocre em julgar o outro, veremos porque isso pode acontecer, mais ainda, o porquê deste homem considerado bom ou de boa vontade resolve ajudar o próximo, como se assim ajudasse a si mesmo:

[. . .] a inconsciente astúcia com que os bons, gordos, honestos espíritos da mediocridade se comportam face a espíritos elevados e sua tarefa, aquela sutil, intrincada astúcia jesuítica, mil vezes mais sutil que o gosto e entendimento dessa classe média em seus melhores momentos – mais até que o entendimento de sua vítimas - : para renovada demonstração de que o ‘instinto’ é a mais alegre das espécies de inteligência até agora descobertas. Em suma, procurem estudar, psicólogos, a filosofia da ‘regra’ em luta com a ‘exceção’: aí vocês tem um espetáculo bom para os deuses da malícia divina! Ou, ainda mais claramente *vivesseccionem* o ‘homem bom’, o ‘*homo bonae voluntatis*’ [homem de boa vontade]... *vocês mesmos!* (NIETSCHE, 2005, p. 111-112)

Quem seria para Nietzsche o homem de bem? Em *Ecce homo* o autor ao abordar o Zaratustra diz ser possível haver um instante de luta entre o bem e o mal e que justamente naquilo que as pessoas consideram o bem, está o maior mal. Explicando melhor, as pessoas só são exatamente boas se conseguem mentir ou negar a verdade por mais tempo, cria-se a moral, e portanto, a moral *décadence* ou *a moral cristã*. De acordo com Nietzsche:

Detenho-me inicialmente na psicologia do homem bom. Para estimar o que vale um tipo de homem, é preciso calcular o preço de sua conservação – é preciso conhecer as condições para a sua existência. A condição da existência dos bons é a mentira - : expresso de outra maneira, o não *querer-ver* a todo preço como a realidade é no fundo constituída, ou seja, não de modo a sempre provocar instintos benevolentes, menos ainda de modo a sempre admitir a interferência de mãos míopes e simplórias (NIETZSCHE, 2005, p. 111-112).



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

Para Nietzsche o considerado homem bom, é aquele que consegue guardar seus segredos e assim se passar por bom: “homens bons jamais falam a verdade. Falsas rotas e portos inseguros ensinaram-vos os bons; nas mentiras dos bons fostes nascidos e mantidos. Tudo foi distorcido e mentido até o âmago pelos bons” (NIETZSCHE, 2005, p. 112). A personagem Jacarandá, de alguma forma compreende que o homem que sai da Igreja no domingo é o otário que vai lhe dar o dinheiro, porque se encabulam em não dar, tem que cumprir o papel de bonzinho. O custo de tudo isso é muito alto para o “otário”, mas muitas vezes, este “homem bom” não consegue esmolar, dar ao “Guardador” a sua parte, porque deixa na Igreja, ou porque está afundado em condições sociais que não lhe permite ajudar o próximo. Jacarandá se considera um trabalhador, afinal se guardou o carro de alguém merecia receber. Nesta questão, é que percebemos que, na verdade, o que a personagem espera para si é ser um “cativo” e não um Espírito Livre, é como se ser “Guardador” fosse um emprego como outro qualquer.

Dentro das convenções sociais o “Guardador” não tem *status* de trabalhador, ele é visto como inconveniente, por isso incomoda tanto. Fora isto, ele é aquele que tem coragem de sair de casa e viver nas ruas, de enfrentar os seus riscos, por isso seu Espírito é Livre.

Mas com Jacarandá é diferente, porque ele é uma personagem que pensa, que reflete sobre o seu momento, talvez nunca tivesse querido viver assim, como um Espírito livre, pode ser que fosse jogado a isso por uma questão de exclusão do social, daquela pessoa que não teve direito à educação, a ser criado por uma família estruturada e talvez desejasse não ser um Espírito Livre.

Há uma cena do conto que ele se sente espelhado pelo cliente rico, o qual entra numa boate e sai de lá horas depois com “uma mulher a tiracolo”. Num ataque de vaidade diz ao homem que não aceita moedas, não trabalha com este tipo de gorjeta. O homem vai embora e ele fica sem nada, nesta passagem observamos que na verdade o desejo de Jacarandá nada mais seria do que ser também cativo, de viver aquela vida e ter as mesmas condições. Nietzsche no aforismo 79 “A vaidade enriquece” de *Humano, demasiado humano* aborda essa questão:

Como o espírito humano seria pobre sem a vaidade! Mas com ela se parece com uma loja comercial bem estocada e estocando-se sempre de novo que atrai clientes de toda espécie: eles podem encontrar nela quase tudo, contanto que tragam com eles o tipo de moeda válida (a admiração) (NIETZSCHE, 2006, p. 113).



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

Jacarandá é um pobre coitado, ele na verdade se espelha no homem, imaginando ele próprio ali, nas mesmas condições, sonhando que fosse aquele que sai acompanhado e com carrão. Mas ele não tem condições para nada e volta humilhado à sua condição de “Guardador”.

Outra cena é quando Jacarandá é preso pelos policiais, primeiro ele apanha, é ofendido, mais depois demonstra todo o seu desprendimento, porque ele fica livre do vício de beber, seu corpo se purifica nos quinze dias de prisão, volta às ruas e se torna um empresário do ramo, podendo mesmo contratar meninos que lhe possam ajudar a correr atrás dos veículos, também tem mais disposição para se interpor entre o carro e o motorista: “Dias sem cachaça, as cores outra vez na cara, concentra um esforço, arruma ajudante, junta dinheiro. Quando quer, ganha; organizado, desempenha direitinho. Nas pernas, opa, uma agilidade que lembra coisa, a elegância safa de um passista de escola de samba” (ANTÔNIO, 1986, p. 27).

Jacarandá, também representa o homem que está sozinho em plena multidão, a cidade é mais deserta que o próprio deserto, já não é possível viver em sociedade ou necessitar de uma companhia, tenta ter uma vida de Espírito Livre, uma vida independente. Tal como Nietzsche diz: “os Espíritos Livres viverão com mulheres? Em geral acredito que, como os pássaros verídicos da antiguidade, sendo aqueles que pensam e dizer a verdade do presente, preferirão voar sozinhos” (NIETZSCHE, 2006, p. 236). Jacarandá é assim, ele não tem mais paciência para viver com alguém, precisa sobreviver na insegurança das ruas:

Já não tem gana, gosto. E nem capricho; acabou a paciência para amigo ou auditórios. Distrações suas, se há, vêm da necessidade e dos apertos. Não que o distraiam; certo é que o aporrinham. Depois, não é de lamentações. Antes, de campanar. Nem joga dominó ou dama, a dinheiro, com os outros, enfiados na febre dos tabuleiros da praça na sombra das mangueiras. Mas que espia, espia, vivo entendedor. Goza com os olhos os lances errados dos parceirinhos bobos.

Nem sustentava a vitalidade dos “Guardador”es. Bebia, lerdava, e depois da hora do almoço largava-se cochilando no oco da figueira. Era acordado pela molecagem de motoristas grialhões. Nada de grana e ainda desciam a língua:

- Pé-de-cana! Velho vagabundo!

Os cabelos pretos idos e, de passagem a vivacidade, a espertice, o golpe de vista, o parentesco que “Guardador”es têm com a trucagem dos camelôs e dos jogadores de chapinha, dos ventanistas, dos embromadores e mágicos, dos equilibristas e pingentes urbanos. Surgir nos lugares mais insuspeitados e imprevistos, pular à



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

frente do motorista no momento em que o freguês não espera (ANTÔNIO, 1986, p. 25).

O narrador o trata como aquele que não tem saída, tudo é imprevisível, mesmo que desejasse mudar de vida isto não seria possível. Quando ele sai da prisão, tenta criar o empresário, isto é, uma vida estável, que lhe proporcionasse segurança, mas tudo volta ao normal e ele se entrega para o vício: “Quando a peça não tem o que fazer, não tem nada o que fazer” (ANTÔNIO, 1986, p. 24). Usava tudo no botequim, por isto, de todas as reflexões que Jacarandá faz a última é a pior de todas, é a constatação de que ele ganha muito mais do que essas pessoas que ele cobra, mas ele bebe tudo: “- Xará, eu ganho mais dinheiro que ele. É que não saio do botequim” (ANTÔNIO, 1986, p. 30). Evidencia-se uma situação do meio urbano que é verdadeira, o que distingue o homem considerado pelo narrador como direito, homem de bem, é a inteligência em saber guardar dinheiro e organizar suas contas.

Apesar de Jacarandá buscar para si o Espírito Livre, observamos que não dá conta de sê-lo, que a personagem preferia viver em segurança, como o cativo, que gostaria de ser um empreendedor do ramo de estacionamentos. Mesmo na sua conclusão final, de que ganha mais do que os “otários” da classe média, verificamos que o único motivo dele não conseguir juntar seu dinheiro é que ele estoura tudo no bar, em bebidas, se não fosse seu vício seria de fato um homem cativo. Já no próximo conto que analisaremos a personagem Mimi Fumeta, é diferente, ela sonha com uma vida melhor, que não é possível, surpreende o leitor com suas atitudes, ela é altiva, apesar de toda sua condição, não aceita pagar propinas aos policiais e não “abaixa a cabeça para eles”. Neste sentido, ela supera Jacarandá, esta sim, podemos considerar como Espírito Livre, porque é dotada de uma coragem, inacreditável e de uma energia que vem não sabemos de onde, é como fênix renasce das cinzas.

2.2 Conto “Maria de Jesus de Souza”: teimosia e sobrevivência:

Em “Maria de Jesus de Souza”, o narrador em 1ª pessoa conta as peripécias de uma prostituta, iludida em mudar sua vida, pensa em champagne cara, em hotéis luxuosos, mas na sua vivência nas ruas se depara com as dificuldades, até mesmo do ponto para se prostituir, o vício antigo



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

de drogas, instaurado por traficantes, ela ainda tem que suportar o ataque dos maus policiais que costumavam passar de vinte em vinte minutos, fazendo ronda e retirando dinheiro de quem ousasse ficar nas ruas. Ela apanha dos policiais, fica toda machucada, entra deste jeito num botequim, pede bebida, sorve todo o líquido e de repente desata a rir, os homens que estão lá, riem junto com ela, como se estivessem do mesmo lado, ela sai, lava o rosto, coloca uns grampos no cabelo e volta para as ruas, para pegar outro freguês.

“Maria de Jesus de Souza” é o nome como a personagem deseja ser conhecida, porém as pessoas da região a chamam de “Mimi Fumeta”, apelido que ganhou por causa da prisão em flagrante por uso de drogas. Essa personagem tal como Jacarandá do conto “Guardador” demonstra querer sair da vida de Espírito Livre, mas seu esforço é pequeno e inútil. Seus desejos são inferiores, seus sonhos giram em torno da prostituição, mesmo quando sonha com riquezas, isto se restringe a conseguir pessoas que sejam de classes que possam pagar pela prostituta que é, tais como: funcionário público, barão:

Cavar um trampo no Bar e Boate Primor [. . .] Gente enternada, majorengos dos negócios, cada alto funcionário público, baita doutor barão [. . .] Senhorita Maria de Jesus, a naime, a mina trancha, a que desfila. Toda dama. A dos fregueses recomendados e que se retira, fina, elegante, mais cedo e com destino certo. Aos melhores motéis da Barra da Tijuca (ANTÔNIO, 1986, p. 40).

Assim, como Jacarandá, a personagem Mimi Fumeta também demonstra querer sair desta vida, mas não é como Jacarandá. Ela se posiciona, não aceita as coisas como elas são, vai contra as regras viventes até mesmo entre as prostitutas, enquanto as outras aceitam pagar propina para os guardas, ela não quer, escondendo-se quando isto acontece. Fala da vida boa de uma babá ou manicure, mas prefere ser a prostituta, é como se não quisesse deixar de ser um Espírito Livre, os seus sonhos se restringem ao mundo do imaginário:

O jornaleiro berrando [. . .] Prefiro uma revistinha de fotonovela e fico olhando, no Largo da Lapa, aquela gente limpinha e bonita das fotografias. O moço fofinho, rosto liso, é filhote de industrial mas acaba casando com a bela. Comerciaría, pobrinha, no trabalho para sustentar a mãe doente. Mas direitinha. Ih... A bela, no fim, acaba vivendo nas pompas de princesa (Idem).



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

O sonho da personagem gira ao redor da vida das mocinhas da novela que por sinal intertextualiza com os contos de fadas, a moça pobre, plebeia que se casa com o príncipe, mas só o consegue porque leva uma vida, considerada adequada, é o prêmio pela honestidade, pela pureza da jovem. Transparecendo ao leitor que Mimi Fumeta não seria merecedora de tal sorte, porque não leva a vida de forma moralmente correta.

Um dos conflitos da narrativa é quando lê seu horóscopo, de acordo com as previsões alguém poderia sentir inveja dela. Ironia do narrador, porque quem sentiria inveja de uma vida tão difícil, cheia de percalços? Em determinados dias, sequer ela tinha com o que se alimentar. Que profissão é essa que o horóscopo fala? A narrativa mostra a ilusão provocada pela *mass media*, a pobre coitada acredita que sua vida mudará:

[. . .] procuro o horóscopo. Opa! Vai chover na minha horta. [. . .] Alegre-se, garota de Virgem! Com toda a certeza você já presente que o amor está rondando por perto e que, devagarinho, está chegando cada vez mais [. . .] você receberá uma maravilhosa declaração de amor. [. . .] Seus projetos e planos no campo profissional poderão se encaminhar otimamente se você tiver mais confiança em si própria. Toda cautela, no entanto, com pessoas invejosas. [. . .] Bato, três vezes seguidas, no tronco da árvore do Passeio Público. Este horóscopo tem de ser quente, só tem. Inveja e olho grande, deixa estar. Tem duas aí no pedaço que estão a fim de me secar, as asas negras Odete Cadilque e Rita Pavuna (ANTÔNIO, 1986, p. 41).

É um tanto contraditório perceber na narrativa que os policiais, sentem prazer com a prostituta e a castigam batendo. Não dá para entender as facetas do ser humano, sentir prazer e provocar a dor no outro. Nietzsche fala no aforismo 98 do “Prazer e instinto social”, que talvez o homem tenha herdado isto, até do mundo animal, seria o prazer iniciado entre mães e filhotes, entre as diferenças de sexo: “por outro lado, que se reflita nas relações sexuais que fazem com que toda mulher pareça realmente interessante a todo homem em vista do prazer e reciprocamente” (NIETZSCHE, 2006, p. 85). Perguntamo-nos, por que será então que a sociedade, e principalmente os policiais, não respeitam o ser humano que há na prostituta, embora se aproveitem dela como mulher:

A risadaiada dos tiras estoura, galhofenta. Parece um coro:

- Ah, malandra, pensavas que a vida era mansa?



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

Eu não sei onde é que estou que, tonta, me aguento e não choro. Outro rato vem, me manda um pontapé na bunda, um safanão nas ventas e me estapeia para dentro. Vai largando lá para o fundo do tintureiro, num nojo:

- Vamos, lá boneca. Refrescar a cabecinha” (ANTÔNIO, 1986, p. 51).

O universo que o narrador de João Antônio nos apresenta, demonstra que muitos têm compaixão pela má sorte da prostituta sonhadora. Mas, ao contrário de tudo o que ela deseja para si, vem a vida real, dificultando-lhe o caminho. Esses muitos, porém, fazem parte daqueles que vivem da mesma desestrutura social, são as pessoas que estão no bar, que se compadecem da dor dela, momento em que ela chega toda descabelada, machucada de tanto apanhar e ser abusada pelos policiais, são: motoristas de táxi, pinguços, cachaças, o que Mimi Fumeta chama de “ratatuiia”, acabam rindo e chorando com ela:

Troncha, descabelada, parece que dormi com o vestido do corpo, uns olhos raiados de sangue, amarfanhei, pisando de lado, um sapato na mão, escangalhado, me enfio no bar [. . .] peço um treco fiado [. . .] enquanto as moscas se agitam no vôo irritante e o converseiro no botequim me azucrina os miolos. [. . .] Aí, expludo numa gargalhada sem parada que abobalha o pessoa. [. . .] Os motoristas de táxi entram para ver. Mas a risada não tem freio. Os pinguços, os cachaças me olham de boca aberta, sem entender, meio para abestalhados mas, sei lá como ou por quê, estão comigo. [. . .] A ratatuiia está comigo e não abre. Aqui, uns riem, outros choram [. . .] Tomo o caminho da pia, derramo água no rosto, devagar, deixando escorrer, algumas vezes. Dou um pente nos cabelos, meto uns grampos. [. . .] Um frangote caça mulher junto da farmácia [. . .] Ele topa (ANTÔNIO, 1986, p. 52-53).

Segundo Ribeiro Neto a narração de João Antônio na maioria de suas obras dialoga entre as classes sociais e na sua briga constante, em que os guerreiros se digladiam, por dinheiro, por espaço social, como se as personagens fossem atores. Como se estivesse numa visão de fora o narrador na voz da personagem, da malandragem, vê o mundo do alto, como se tudo pudesse refletir, tentando explicar as diferenças e entender “os porquês”. É um mundo em que há “agressão” e “defesa”, de um lado os malandros de outro os otários:



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

[. . .] os otários ou bacanas são as pessoas que fazem parte do sistema de produção: pessoas que têm uma vida estável, normal. São os fregueses das prostitutas, os adversários dos profissionais da sinuca, os que possuem dinheiro e o gastam. Os malandros ou merdunchos são os jogadores de sinuca, os cáftens, os ladrões, as prostitutas. São os que obtêm o dinheiro “na moleza”. São os que tiram o dinheiro dos otários. Essa qualidade de otário, portanto, vem do fato de darem o dinheiro para os malandros. A qualidade de bacana vem da sua aparência de bem alimentados e bem vestidos, de pessoas da classe média. Os malandros, por sua vez, são merdunchos pela sua condição marginal, sem meio fixo de sobrevivência e sempre vivendo em situações de risco, como se a vida fosse um permanente “aqui e agora”. O dinheiro não está no banco, mas no bolso do otário, que exige do malandro o exercício permanente da picardia para obtê-lo.

Malandros e otários estão, portanto, em luta permanente, mas essa luta só é dramática para o lado do malandro. Por isso, é sempre narrada da perspectiva do malandro, do merduncho. Isto é, o mundo nas histórias de João Antônio é visto do ponto de vista de quem está em posição social inferior. É o mundo visto pelo leão-de-chácara, pelo operário do subúrbio, pelo menino-engraxate, pelo jogador de sinuca, pelo morador do conjunto habitacional construído pelo governo, pela prostituta, pelo soldado. [. . .] É o ponto de vista de quem olha o mundo com ódio, “de bandido para bandido”, como diz o próprio João Antônio. É assim que o merduncho olha para o otário, que o malandro olha para o bacana” (RIBEIRO NETO, 1981, p. 103).

Pelo ponto de vista de Nietzsche, não seriam otários de um lado e nem malandros de outro, cada qual procura o seu jeito de sobreviver, não há bem ou mal. Se formos pensar no Espírito Livre, é Mimi Fumeta que consegue se reerguer, apesar da violência que sofre pelos policiais, se fosse outra pessoa, deixaria a vida nas ruas, aceitaria o pagamento de propina a eles e pronto. Mas, ela se recusa, a sua energia é tanta, que ela vive de sua teimosia, continua na rua, então é o Espírito Livre, não aceita as regras dos outros e nem da sociedade. Como Nietzsche diz, mas se aquele que é o Espírito Livre tem razão, então isso significa que o espírito subordinado não a tem, que é quem segue as regras, nem as outras prostitutas que pagam propina ou os policiais que recebem não tem senso de justiça. Isto só revela a hipocrisia social que vivemos, porque aos nossos olhos, o policial tem valor de profissão e de caráter, afinal, eles deveriam nos proteger. Então quem é o bonzinho da história, o herói, aquele que tem valor? Tanto Nietzsche quanto João Antônio nos colocam questões para reflexão que não se esgotam num simples artigo, mas que percorrem a nossa vida, os nossos julgamentos perante a sociedade. É como se nos dissessem: é preciso ver quem é quem no jogo da nossa existência.



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

3. Considerações finais:

João Antônio como autor do cotidiano, da urbanidade e de narrativas que focalizam a realidade de São Paulo, como Jacarandá e Maria de Jesus de Souza busca através destas personagens, expor o dia a dia de seres marginalizados, vistos com desdém pelos olhos da classe média e até mesmo da classe baixa trabalhadora.

Porém, ele trata ao mesmo tempo de questões filosóficas que vão além da compreensão humana, o desejo de ser livre, de ter o espírito livre como diz Nietzsche, não é simplesmente, ser alvo do sistema capitalista, mas sim, ser livre das regras que a sociedade impõe e que é seguido por pessoas que se consideram de bem.

Essas personagens não se adequam ao que a sociedade espera delas, vivem simplesmente um dia depois do outro, sem questionamentos, sem necessidades maiores, embora observem que poderia ser feito algo, mas o vício pelo ócio é maior que elas e de algum modo, imitam a classe alta que também age de modo igual, ou seja, perambulam por locais e ordenam coisas para outros fazerem, mas não querem trabalhar como a classe operária e média.

É necessário nos questionar sobre quais aspectos nos fazem morar juntos na cidade. Por quais motivos nos encontramos coletivamente envolvidos e protegidos uns com os outros. O homem na verdade busca parcerias para sobreviver e nestes anseios promove a igualdade ou desigualdade social, dependendo do ponto de vista que se queira retratar. O homem considerado de valor que obedece às regras sociais e que por vezes se adequa neste universo em que atua, trabalhando, criando a sua família, estudando e etc., encontra na cidade o seu habitat ideal para morar, ter lazer, cultura e passar a noite em segurança. A cidade representa a fuga do homem que já não consegue sobreviver no campo e que depende dela para necessidades básicas de bens e serviços.

Faz parte deste conceito o sonho do engenheiro que projeta a cidade como aquela que é ideal, como também o escritor que sem se desvincular da intelectualidade se coloca como observador de um contexto sócio-cultural em que as pessoas escolhem para viver. Outros pontos de vista retratam a cidade como selva de pedra, em que nem todos cabem, aquele que sabe sobreviver neste meio se dá melhor e tem bom desempenho entre os demais.

João Antônio traz a descrição de personagens que resolveram viver assim e que representam pessoas reais, com uma consciência como o guardador de saber que ganha mais que



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

qualquer outra pessoa da classe média, mas que não junta o dinheiro e o bebe todo na mesa do bar, ou Maria de Jesus de Souza que sabe que poderia ter uma vida mais correta sendo babá ou manicure, mas a vida que leva é bem mais fácil e talvez prazerosa, para ela a sobrevivência é essa, a das ruas e não consegue viver de outro modo.

Tanto uma personagem como a outra são vítimas do sistema policial que ao invés de proteger as pessoas, agride-nas e as aprisionam e até recebem propina, mas ainda assim essas metáforas das pessoas reais preferem esse lugar do espaço metropolitano que longe de ser o local ideal para se viver é apenas um ambiente que promete uma liberdade almejada por eles. Imbuídos do caráter libertário que traz é mais uma questão revolucionária que o capitalismo não sabe resolver, não é tão simples, a ponto de pensarmos que os governantes teriam culpa ou que pudessem com medidas diferentes tirar as pessoas das ruas e livrá-las de situações de pequenos delitos e crimes. Mas é o anseio de estar ali, de querer possuir esse território e de mesmo dormir ao relento, na árvore, como é o caso de Jacarandá.



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

Referências:

ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MASSAUD, Moisés. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Escala, 2006.

NUNES, Cassiano. *Breves estudos de literatura brasileira*. São Paulo: Edição Saraiva, 1969.

RIBEIRO NETO, João da Silva. *Literatura comentada: João Antônio/ seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios*. São Paulo: Abril, 1981